

PARA UMA TEORIA CRÍTICA DO ESPORTE: DA TRADIÇÃO AO TEMPO PRESENTE*

Towards a Critical Theory of Sport: From Tradition to the Present Time

ALEXANDRE FERNANDEZ VAZ**

alexfvaz@uol.com.br

Fecha de recepción: 13/10/2025

Fecha de aceptación: 25/12/2025

RESUMO

O esporte é um dos fenômenos mais emblemáticos do contemporâneo, reunindo material e simbolicamente muitas das expectativas da sociedade capitalista: concorrência, desempenho, maximização, progresso, controle, planejamento, espetáculo etc. Seu processo de desenvolvimento se dá a partir dos séculos XVIII e XIX, e a crítica que se lhe destina é relativamente tardia, inspirada na Teoria Crítica da Sociedade, e impulsionada pela Nova Esquerda. Esta ocupou-se, principalmente, da duplicação da dinâmica do trabalho alienado nas práticas de tempo livre. Theodor W. Adorno também se dedicou ao tema, o que sugere a presença desse fenômeno social na destrutividade que conforma o corpo, sua dominação e correspondente transformação em espetáculo. Este artigo aborda esse percurso e tenta colocar novos elementos e análises, na tentativa de atualizar a crítica ao esporte. Conclui com a procura de um momento de deformação de si no esporte que, por isso mesmo, possa abrir novas possibilidades de experiência.

Palavras-chave: esporte, Teoria Crítica da Sociedade, Theodor W. Adorno, Corpo, Indústria Cultural.

ABSTRACT

Sport is one of the most emblematic phenomena of the contemporary, both materially and symbolically embodying many of the expectations of capitalist society: competition, performance, maximization, progress, control, planning, spectacle, etc. Its development process began in the 18th and 19th centuries,

* O trabalho contou com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) Processos nº 408324/2023-6 e 312749/2021-0) – e da Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina (Fapesc) – Edital 21/2024. Ele incorpora várias discussões já realizadas em outros textos meus, publicados a partir de 1999. Desta vez, refaço, refino e avanço em vários dos argumentos

** Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – Brasil.

and the criticism directed at it emerged relatively late, inspired by Critical Theory of Society and driven by the New Left. The latter focused mainly on the replication of the dynamics of alienated labor in leisure-time practices. Theodor W. Adorno also dedicated himself to the topic, which suggests the presence of this social phenomenon within the destructiveness that shapes the body, its domination, and its corresponding transformation into spectacle. This article explores that trajectory and seeks to introduce new elements and analyses, in an attempt to update the critique of sport. It concludes by searching for a moment of self-deformation within sport that, for this very reason, might open up new possibilities for experience.

Key words: Sport, Critical Theory of Society, Theodor W. Adorno, Body, Culture Industry.

1 INTRODUÇÃO

Entre o final dos anos 1960 e o início da década seguinte, desenvolveu-se principalmente na República Federal da Alemanha (RFA), mas também na França e em outros países, um esforço de reflexão e análise sobre um dos fenômenos mais prementes do nosso tempo, constituindo o que foi possível chamar de uma teoria crítica do esporte. Tributária daquela tradição que conhecemos como Teoria Crítica da Sociedade, a inspiração eram os trabalhos de Theodor W. Adorno, Max Horkheimer, Herbert Marcuse, assim como secundariamente de Jürgen Habermas, autor, no entanto, de um dos primeiros textos que, naquele registro, problematizava a relação entre trabalho e tempo livre, as *Soziologische Notizen zum Verhältnis von Arbeit und Freizeit – Notas sociológicas sobre trabalho e tempo livre* (Habermas, 1973).

O esporte em sua condição elitista já fora antes criticado, como na realização das Olimpíadas dos trabalhadores, com algumas edições entre a Primeira e a Segunda Guerras, a exemplo dos Jogos em Viena em 1925. Em registro semelhante, os países socialistas muitas vezes alardearam a importância da democratização das práticas corporais que, de qualquer forma, serviriam como base de uma pirâmide esportiva que selecionaria os melhores para o alto rendimento. A crítica de Bero Rigauer, Jean-Marie Brohm e outros trouxe reflexões importantes que impactaram o metiê acadêmico no que era ainda uma incipiente sociologia do esporte, interessando também a um debate mais amplo que chegou a alcançar a filosofia social na segunda metade do século passado. Teve sobretudo o mérito de desfiar o consenso sobre uma prática vista desde (quase) sempre como positiva por natureza, valorosa como dispositivo

educacional, produtora de saúde e agregadora de coletividades, mesmo produzindo, não raro, identificações diversas nos termos dos nacionalismos.

Ancorada também nos impulsos da Nova Esquerda, tal crítica foi a primeira a colocar de forma sistemática o esporte como expressão da sociedade liberal e capitalista, da qual aquele importou as normas e procedimentos, reproduzindo-os tanto como exercício no tempo livre quanto na forma do espetáculo para consumo massificado. Essa posição foi, no entanto, perdendo lugar na mesma medida em que o pensamento crítico de forma geral igualmente decaía em reputação no mundo, primeiro com o consenso posterior ao fim do socialismo realmente existente, em seguida com a ascensão, nas Humanidades, de todo um arsenal alérgico à dialética e sua tradição. Se isso fez com que a Teoria Crítica da Sociedade se transformasse em uma espécie de tema academicista restrito a um nicho no interior de departamentos universitários, o esforço de colocar o esporte sob seu crivo simplesmente desapareceu, ou quase isso, reduzindo-se hoje a um obscuro tópico na história das ideias.

Na contramão desse processo, o fenômeno esportivo ganhou certo protagonismo na pesquisa, para ele destinando-se, entre outras, a abordagem figuracional (Elias; Dunning, 1986) e a interface com temas como gênero, raça e etnia, mídia, torcedores, uso de substâncias ilícitas. Ao mesmo tempo, o tema foi deixando de ser visto como algo anômalo no *mainstream* acadêmico. Hans Ulrich Gumbrecht conta que em 1974, quando era professor-assistente em Heidelberg e acontecia a Copa do Mundo na RFA, falar sobre futebol era visto como algo de mau gosto no departamento de Letras, onde ele atuava. Fã dos esportes e autor de um número significativo de trabalhos sobre o tema (entre outros, Gumbrecht, 2006; 2011), o crítico literário que se tornou cidadão estadunidense e viu sua empolgação com o *football* suplantado a que segue tendo com o *soccer*, é talvez a voz contemporânea mais importante na legitimação do assunto como algo a ser intelectualmente considerado. Suas posições, que não deixam de ser interessantes são, entretanto, pouco ou nada críticas, desconsiderando faces e radicações do fenômeno que saltam aos olhos de qualquer observador cuja vista não esteja de todo obnubilada pela própria paixão¹.

Dos anos 1960 e 1970 para cá o esporte mudou muito, *pari passu* com as profundas transformações sociais do período, entre elas o fim do socialismo realmente existente, as alterações radicais na esfera da produção, a liberação da internet para fins de consumo, as sucessivas crises energéticas e climáticas, entre tantos outros movimentos que sobre a Terra se desenrolaram. Ao mesmo tempo, ele segue o mesmo,

¹ Um exemplo dessa posição pode ser encontrado na polêmica entre Gumbrecht (2016) e Robert Redeker (2016), nas páginas do *Tageszeitung*, de Berlim.

envolto nos códigos vitória e derrota, como modelo de afirmação da sociedade competitiva e de consumo, nas formas que propõe para o relacionamento de cada um com seu corpo – e os dos outros – ao praticá-lo, assim como na própria expansão massiva, com a multiplicação das plataformas e imagens, exponenciando seu potencial como espetáculo. De certa forma, as críticas de quase seis décadas ou um pouco mais, continuam valendo na agenda contemporânea, embora possam ter alcançado outra dimensão, somando-se a elas novas questões e abordagens.

Uma teoria crítica do esporte não pode deixar de considerar as contribuições de tantos anos atrás, mesmo que muitos as vejam hoje com aquela condescendência típica de quem entende que a juventude, outrora tão rebelde, deve hoje amadurecer. Não penso que as coisas sejam assim e, guardados os devidos distanciamentos históricos, vale ainda a posição sugerida – e exercida – por Adorno (1997a), segundo a qual a crítica radical é o que nos autoriza à esperança de não transigir para sua perversa contraface, aquela que ao criticar, mostra-se, na verdade, não mais que obediente.

O exercício crítico em relação ao esporte demanda que ele seja observado em seu movimento contemporâneo, cuja história interessa porque está nele contida. Nas próximas páginas procuro, então, esboçar uma agenda para uma teoria crítica do esporte do tempo presente, o que inclui, deste mesmo presente, uma mirada histórica sobre ele. Além disso, revisito aspectos das grandes contribuições da tradição da Teoria Crítica sobre o esporte e aquilo que forma a constelação que o constitui. Revisitar aquele impulso teórico e reflexivo que nasce em Frankfurt nos anos 1920 e depois se desenvolve nos Estados Unidos da América e em várias partes do mundo ao longo do século passado é importante, sempre que não se deixe de considerar a distância histórica, as novas problemáticas e o caráter temporal de toda análise que se pretenda crítica. Por outro lado, considerar, no contexto mesmo das transformações sociais do presente, como o fenômeno se materializa, em suas muitas e velozes mudanças, de modo a constituir, em sua imanência, um modelo crítico para o contemporâneo.

O texto está dividido em três partes. Na primeira, faço uma breve reconstrução do desenvolvimento do esporte, menos para recontar uma trajetória que tem sido objeto de bons trabalhos ao redor do mundo, e mais para localizar algumas temáticas que, se hoje ganham sentido, é porque respondem a questões historicamente delimitadas. Logo após, retomo e problematizo algumas das teses e posições da Teoria Crítica do Esporte tal como foi desenvolvida há mais de cinco décadas. Por fim, dialogando com alguns dos comentários de Adorno – que foi mais radical e cuja crítica alcança patamares outros em relação àqueles que nele se inspiraram – sobre o esporte

como tópico da integração total, enfrento algumas problemáticas contemporâneas que, suponho, compõem grandes linhas que o esporte, como expressão da sociedade em sua realização contraditória, oferece para a construção de um modelo crítico. A narrativa tem certa linearidade, mas a pretensão é que a crítica se exerça desde já.

2 O ESPORTE NO ESQUEMA DA CULTURA DE MASSAS

É notável o estatuto do esporte no mundo contemporâneo, visto e revisto como fenômeno socialmente positivo e pouco questionado em sua múltipla presença cotidiana. Para ficar em dois dos seus momentos mais eloquentes, há o espetáculo das diversas modalidades e a prática de atividades físicas e outros cuidados corporais, ambos disseminados como nunca em tempos de multiplicação de imagens, por um lado, e de exacerbação do corpo como lugar de realização subjetiva, por outro. Esses são processos que, além de entre si vinculados, correspondem organicamente aos imperativos de sociedades pós-liberais, combinando individualismo com doses elevadas de narcisismo, coletivismo, medo e culpa, em um ambiente de generalização das expectativas de desempenho.

Enquanto as práticas corporais desde sempre compuseram a vida civilizada, como reiteraões sacras ou festivas em formas ritualísticas, o esporte é relativamente jovem em sua história. Sem pretensão de reconstruí-la aqui – há ótimos trabalhos sobre isso, tanto panorâmicos quanto sobre aspectos segmentados –, vale dizer alguma coisa sobre ela. O caráter espetacular, por exemplo, é uma marca perene do fenômeno, já a partir de seus inícios como prática sistematizada e distintiva de grupos aristocráticos, especialmente na Grã-Bretanha e na Europa Central dos séculos XVIII e XIX. São práticas procuradas, no entanto, por burgueses que buscam na cultura a imagem de privilégio que sua posição da esfera produtiva não necessariamente traz consigo, ao menos não de maneira automática. Como mostram trabalhos de diferentes abordagens, a exemplo dos de Peter Gay (1993), Eric Hobsbawm (1995) e Allen Guttmann (2004), assim como comentários de intelectuais do porte de Torstein Veblen (1991) e Friedrich Engels (2010)², a prática desinteressada de atividades corporais,

² “Quais sentimentos e quais capacidades humanas pode conservar à altura dos trinta anos aquele que desde jovem trabalhou doze ou mais horas por dia, fabricando cabeças de pregos ou limando rodas dentadas e vivendo nas condições de um proletário inglês? A introdução do vapor e das máquinas não altera isso. A atividade do operário tornou-se menos pesada e o esforço muscular foi reduzido, mas o próprio trabalho, facilitado, foi levado ao extremo da monotonia. Ele não permite ao operário nenhuma possibilidade de atividade espiritual e, no entanto, absorve-lhe a atenção a ponto de impedi-lo de pensar em qualquer outra coisa. A condenação a semelhante trabalho, que toma do operário todo tempo disponível, que mal o deixa comer e dormir, que não lhe permite fazer exercícios físicos e des-

sem vinculação com o âmbito da necessidade e da sobrevivência, era o que podia diferenciar os senhores daqueles que entregavam a si mesmos para o trabalho. Cansar-se ao cultivar o corpo é diferente da fadiga que lhe traz destruição. Buscava-se, então, produzir eventos espetaculares para que fossem espelho da sociedade e daqueles que a produziam.

O espetáculo esportivo, no primeiro momento, era, portanto, destinado ao consumo dos próprios produtores, por assim dizer, aristocratas que dele desfrutavam exibindo-se para seus pares e alguns mais, em especial, homens para outros homens e mulheres. Em seguida, tratava-se, já no contexto que corresponde ao que será chamado de indústria cultural, de fabricar o show que vai sendo consumido pelos estratos médios das grandes cidades, promovido pela crescente imprensa que dedica espaços de divulgação cada vez mais generosos aos eventos, noticiando sua realização e depois reportando os acontecimentos das praças esportivas. Isso se dá principalmente a partir do final do século XIX e início do seguinte, em jornais impressos, mas, tão logo quanto possível, também pelas ondas do rádio e nas telas de cinema, encontrando na televisão seu espaço privilegiado a partir dos anos 1950. A propósito, pouco antes, em 1936, a primeira transmissão televisiva na Alemanha, em caráter experimental, foi a dos Jogos Olímpicos celebrados em Berlim, que pôde ser visto, mesmo que em precárias imagens, em quinze receptores públicos espalhados pela capital do Terceiro Reich.

Não demora que se dê o início da profissionalização de atletas, processo que se dá no ritmo da estabilização de contingentes operários e funcionários que também aderem às práticas esportivas, o que acontece ancorado nos processos de urbanização, com a construção de equipamentos esportivos, vias de deslocamento pedestre, sistemas de transporte mais amplos e na reprodutibilidade das notícias, transformadas elas mesmas em entretenimento. Emergem, então, estratos de trabalhadores organizados e com jornadas suficientemente estruturadas para que pudessem, de alguma forma – nem todos, muito menos em todos os lugares –, desfrutar de tempo livre no qual fosse possível consumir espetáculos, inclusive esportivos. É uma invenção do capitalismo a existência de um intervalo entre o fim de um período de trabalho e o começo de outro, em que, para garantir a eficácia da pausa, seria possível algum tipo de divertimento – também destinado à manutenção da pura vida vivida, como recuperação das agruras laborais –, para o qual concorrem os esquemas de uma crescente e cada vez mais tentacular indústria cultural. Essa face da organização da vida sob a

frutar da natureza, sem falar da ausência de atividade intelectual – a condenação a um tal trabalho não rebaixa o homem à condição animal?” (Engels, 2008: 158).

égide do capital será criticada por Adorno (1997b) segundo o qual, no entanto, nas entranhas desse mesmo processo talvez estejam condições que favoreçam que o tempo livre se transforme em liberdade.

A instituição da ordem burguesa prometeu, entretanto, a democratização daquele ócio tão caro aos aristocratas, mas o que fez foi promover o tempo livre como associação à dinâmica e ao ritmo do trabalho, agora não mais de escravizados ou agregados, mas assalariados. Ao mesmo tempo, ocorre, no sentido que Max Weber (2016) chamou de racionalização, o processo de sistematização de jogos populares em sistemas esportivos, o que lhes altera o sentido e mesmo os padrões técnicos, absorvendo-se em prática sublimada o que era visto como bárbaro. As atividades locais da comunidade (*Gemeinschaft*) passam a ser estruturadas por regras e normas universais e padronizadas sob burocracia associativa na nova configuração da sociedade (*Gesellschaft*). Ao mesmo tempo, e em ritmos diversos, acrobatas se tornam ginastas, lutadores agora são pugilistas, e jogadores da rua e do pátio se transformam em atletas nos campos e pistas, tendendo, todos, à condição de *gentleman*. Tendem, assim, a praticar as atividades de modo regrado e respondendo aos bons costumes da aristocracia que a sociedade burguesa incorpora como distinção.

Resultado do desenvolvimento capitalista, em especial em seu século álgido, o dezenove, como o chamou Walter Benjamin (1977), o esporte encontra seu desiderato como simulação das atividades guerreiras e castrenses, das quais empresta vocabulário, estrutura e simbolismo. O vínculo entre as competições olímpicas e o militarismo é estreito, com a pesquisa para o treinamento de atletas sendo em grande parte realizada em instalações da caserna. De certa forma, a performance competitiva é alcançada como subproduto do desempenho bélico: fisiologia e psicologia do esporte, ambas pensadas para averiguar e potencializar o máximo desempenho em situações de exigência absoluta, são filhas de suas congêneres militares. Tal paternidade se divide, no entanto, com os estudos psicológicos e fisiológicos do trabalho, outro contexto em que com frequência os limites humanos são testados. Talvez seja o esporte o âmbito em que o princípio de rendimento (*performance principle* / *Leistungsprinzip*), tal como o formulou Herbert Marcuse (1969), encontre sua expressão mais nítida.

Enquanto os estudos sobre a melhoria da performance esportiva podem ser localizados, em suas origens, nos impulsos militares e nas pesquisas sobre a fadiga no trabalho – colocava-se a pergunta sobre o quê um corpo era capaz de suportar e produzir, como estudou Alson Rabinbach (1992) –, grande parte do desenvolvimento dos resultados atléticos provém do colonialismo. Em primeiro lugar, com a disseminação

cultural de raiz principalmente inglesa em grande parte do mundo. Hobsbawm (1993) a destaca ao comentar que onde havia indústria inglesa fora da Europa, fosse de eletricidade, extração de carvão ou na construção de estradas de ferro, encontrava-se a prática do futebol. Isso não vale apenas para o esporte visto por muitos como o mais popular do planeta, mas para inúmeras outras modalidades. Quando vemos uma maratonista do Quênia vencendo o campeonato mundial de atletismo, ou nos depararmos com a seleção francesa, holandesa ou alemã de futebol, com seus imigrantes e filhos de imigrantes, é de colonialismo que estamos falando.

Ao mesmo tempo, a mencionada profissionalização dos atletas – movimento na contramão dos ideais olímpicos professados pelo Barão de Coubertin e seus seguidores³ –, como bem destaca Detlev Claussen (2006), é responsável por uma mudança qualitativa importante na constituição dos grupos sociais que ascendem à prática esportiva, permitindo – e de certa forma exigindo – a presença de pessoas antes excluídas pelo modelo aristocrático. Negros, judeus, trabalhadores, entre outros – e nem tanto outras, já que mulheres ainda se viam muito excluídas desse movimento – passam a compor as diferentes modalidades, em especial o futebol, tanto em quadros próprios, como o austro-húngaro time da comunidade judaica SC Hakoah Wien (1909-1938), como mesclados em equipes que não podiam prescindir do talento que essas pessoas ofereciam. O simples rechaço ao profissionalismo e à mercantilização do esporte, quando isolado da crítica ao capitalismo, embute uma posição que é fundamentalmente excludente e elitista.

Ao mesmo tempo, o esporte como o conhecemos, ou pelo menos o que vigorou até o fim do *short century*, é fruto da Guerra Fria – o mesmo ambiente em que boa parte da Teoria Crítica da Sociedade se desenvolveu. Às guerras de descolonização, às insurreições revolucionárias, às ditaduras latino-americanas e ao combate a elas, à corrida espacial, entre tantos outros palcos em que OTAN e Pacto de Varsóvia se enfrentaram, junta-se o esporte, visto como índice de desenvolvimento e progresso dos países alinhados de um lado e de outro. As disputas olímpicas alimentaram o conflito, que pendeu para êxitos distintos ao longo dos anos, com mais peso, no entanto, para os soviéticos e seus aliados. A título de exemplo, nos Jogos Olímpicos de Verão, em 1976, em Montreal, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

³ O movimento olímpico, em seus inícios, pode ser visto como uma resposta aristocrática, no âmbito da cultura, à revolução burguesa. Seu recurso ao neoclassicismo, evocando motivos gregos para justificar seu ideário, é expressão de seu caráter restaurativo. Seu principal formulador, Charles Pierre Fredy de Coubertin, era contrário à presença de profissionais nas competições (o dinheiro arruinaria a pureza esportiva), assim como à de mulheres, tampouco lhe agradando que houvesse modalidades coletivas nos Jogos (o corpo deveria se manter imaculado em seu esforço individual).

(URSS) foi a primeira colocada no quadro de medalhas, com a República Democrática Alemã (RDA) em segundo e Cuba, mesmo sendo um país de dimensões reduzidas e população pequena, na oitava posição.

Nos compêndios de treinamento preparados na URSS e na RDA, e espalhados pelo mundo em versões em diferentes idiomas – como acontecia também com os manuais da vulgata marxista e alguns grandes clássicos do pensamento ocidental – encontram-se, para além dos métodos de preparação para as competições, capítulos sobre a criação do novo ser humano formado sob o socialismo, disposto a alegremente dedicar-se ao esporte, à pátria, à construção universal do comunismo. Mais que isso, a profissionalização dos esportistas é criticada como degeneração dos ideais olímpicos que seriam rigorosamente seguidos por soviéticos e seus aliados, mantendo a suposta pureza esportiva descontaminada do dinheiro. Não deixa de chamar a atenção o fato de que a construção do socialismo passasse pela reafirmação de ideais aristocráticos, reputando ao capitalismo a traição ao olimpismo. Criticava-se o capitalismo não necessariamente emancipando o esporte e seus praticantes, mas regredindo ao que teria sido a pureza de outrora. Em um livro de orientação para treinadores e professores da RDA, podemos ler que

“[...] a educação político-ideológica dos atletas no sentido do Marxismo-leninismo para personalidades socialistas no pensamento e na ação, que estejam convencidas da correspondente vitória do socialismo no mundo todo, que mostre claramente a imutável agressividade do imperialismo e promovam a coexistência fraterna da comunidade internacional que se compõe de países sob diferentes organizações sociais. (...) [Além disso] A formação esportiva deve ser uma parte fundamental da educação político-ideológica. Treinadores e funcionários têm a obrigação de, sempre que necessário, esclarecer a política esportiva das federações esportivas e de ginástica alemãs. Em ofensivo contraponto está colocada a integração esportiva na República Federal da Alemanha, na qual o sistema de dominação do capital monopolista e a violação do esporte e dos Jogos Olímpicos por meio do imperialismo alemão devem ser desmascarados.” (Schmolinsky, 1977: 36-37, tradução minha).

Entre os aliados da OTAN as coisas não eram propriamente distintas, ainda que o conteúdo do discurso fosse outro. Nessa trincheira da Guerra Fria alardeava-se a liberdade dos atletas e a possibilidade de que, uma vez alcançando desempenhos importantes, pudessem auferir recompensas financeiras, diretas ou indiretas, na forma de patrocínios e publicidade, no espírito liberal do *self-made man* e da ideologia meritocrática. Associada à exigência de submissão dos competidores ao Estado, esta-

va a denúncia de manipulação orgânica por parte dos soviéticos e alemães do Leste, além dos outros países com destaque esportivo: haveria limitação do crescimento de praticantes de ginástica artística, gravidez e abortos seriam provocados para que houvesse produção acentuada de hormônios vinculados ao crescimento muscular, o *doping* seria empregado como regra. Os filmes hollywoodianos que tematizavam a Guerra Fria com frequência zombavam da ciência desenvolvida pelos inimigos dos EUA, como se fosse não mais que práticas desumanizadoras, produtora de maldades sem fim e que tratava seus cidadãos como máquinas, o que em muito ajudou a consolidar a imagem de vilania daqueles países.

Como mostram os trabalhos de John Hoberman (1992; 1998), entre tantos outros, o *doping* foi estratégia largamente empregada na preparação de atletas em muitas nações, não sendo a posição que ocupavam na Guerra Fria um impeditivo para que isso acontecesse. O desempenho espetacular de atletas do Leste Europeu, da Ásia e do Caribe, representando países alinhados ou aliados ao Pacto de Varsóvia, não é resultado apenas, portanto, do uso massivo ou não de substâncias ilegais. Guerra farmacológica que toma os corpos atléticos como usina de geração de energia, a indústria do *doping* tem como contraface o uso legal de várias substâncias, consumidas por competidores em diferentes situações. Ser ou não substância dopante é, fundamentalmente, estar ou não na lista proibida (Hoberman, 1998), que varia conforme as circunstâncias epocais.

A proibição do uso de substâncias consideradas ilegais historicamente preconiza a igualdade de chances e a condenação desses fármacos porque maléficos à saúde. No que se refere ao último item, já não há quem acredite que as competições esportivas, e especialmente a preparação para elas, possam não deteriorar, a curto, médio ou longo prazo, o organismo humano. As possibilidades iguais para todos os competidores, por sua vez, são formalmente procuradas pela proibição do doping, evocando que apenas recursos naturais poderiam ser mobilizados na preparação de atletas. Mas, é impossível delimitar o que seriam dispositivos artificiais para a constituição do humano, em específico em relação ao corpo que, antes de tudo, é produção material e simbólica, o que se agudiza no esporte, prática figurativa por excelência. Nada é natural no treinamento esportivo.

A igualdade de chances, ademais, é meramente formal, uma vez que o esporte se produz pela desigualdade de condições, reafirmando-as. Em nome dessa ilusão procura-se impedir que pessoas transgêneras participem de competições oficiais. Embora não haja estudos definitivos sobre o assunto, é provável que mulheres trans tenham vantagens em alguns aspectos, se comparadas às suas adversárias cis. Em um mundo

de muitas desvantagens sociais, e em meio a tantas intervenientes para o alcance de um resultado esportivo, o impedimento a essas atletas – que são exceção das exceções nas competições de alto rendimento – é nada mais que transfobia. Finalmente, a ideia de que ao esporte corresponde uma condição de natureza é não apenas regressiva e encobridora da dinâmica do capitalismo, como sugere Adorno (1997c) e será visto mais adiante, mas, fundamentalmente fascista, elevando os campeões à condição de natureza superior. Esse foi, aliás, um dos pilares do nacional-socialismo em seu intento de supremacia racial. A proibição do uso de substâncias consideradas ilegais historicamente preconiza a igualdade de chances e a condenação desses fármacos porque maléficos à saúde. No que se refere ao último item, já não há quem acredite que as competições esportivas, e especialmente a preparação para elas, possam não deteriorar, a curto, médio ou longo prazo, o organismo humano. As possibilidades iguais para todos os competidores, por sua vez, são formalmente procuradas pela proibição do doping, evocando que apenas recursos naturais poderiam ser mobilizados na preparação de atletas. Mas, é impossível delimitar o que seriam dispositivos artificiais para a constituição do humano, em específico em relação ao corpo que, antes de tudo, é produção material e simbólica, o que se agudiza no esporte, prática figurativa por excelência. Nada é natural no treinamento esportivo.

A igualdade de chances, ademais, é meramente formal, uma vez que o esporte se produz pela desigualdade de condições, reafirmando-as. Em nome dessa ilusão procura-se impedir que pessoas transgêneras participem de competições oficiais. Embora não haja estudos definitivos sobre o assunto, é provável que mulheres trans tenham vantagens em alguns aspectos, se comparadas às suas adversárias cis. Em um mundo de muitas desvantagens sociais, e em meio a tantas intervenientes para o alcance de um resultado esportivo, o impedimento a essas atletas – que são exceção das exceções nas competições de alto rendimento – é nada mais que transfobia. Finalmente, a ideia de que ao esporte corresponde uma condição de natureza é não apenas regressiva e encobridora da dinâmica do capitalismo, como sugere Adorno (1997c) e será visto mais adiante, mas, fundamentalmente fascista, elevando os campeões à condição de natureza superior. Esse foi, aliás, um dos pilares do nacional-socialismo em seu intento de supremacia racial.

Por razões históricas conhecidas, a Alemanha foi, até poucas décadas, o território da Guerra Fria por excelência. Com um passado esportivo expressivo durante a primeira metade do século vinte, uma vez dividida seguiu, não só na RDA, mas também na República Federal, sendo ponta de lança do alto rendimento nos anos subsequentes à fundação dos dois estados, em 1949. Nos Jogos sediados em Berlim, em

1936, todo o poderio dos corpos em exposição, como os chamou Walter Benjamin (2013), pôde ser apresentado ao mundo, antecipando o que seria a força militar imperialista que emergiria poucos anos depois e também a capacidade de gerar imagens que perpetuassem e multiplicassem tal poderio.

Os alemães foram os grandes vitoriosos naquelas Olimpíadas que, por seu turno, marcaram a ascensão da cineasta Leni Riefenstahl, com seu documentário *Olimpia* (em duas partes, *Festa dos povos* e *Festa da beleza*), precedido de *Triunfo da vontade* (1935), sobre as reuniões, comícios e festividades do partido nazista realizada em Nürenberg em 1934. Em ambos os projetos, os corpos masculinos, imaculados, jovens e viris são mostrados como expressão de poderio racial. Mas, não é esse o principal ponto a ser aqui considerado. Ainda que antecipada por cineastas como Dziga Vertov (*Um homem com uma câmera*, em 1929), foi ela quem criou uma maneira de filmar esportes, engrandecendo e mitificando as performances perfeitas, vitoriosas, infalíveis, que são modelo técnico, estético e político, desde então, para todo tipo de transmissão esportiva. O mesmo ela fizera em Nüremberg, permitindo ver que não exatamente se documentava o que estava acontecendo, mas que o próprio evento era coreografado para ser documentado. Ainda que pelo verso, ali se materializava a assertiva de Benjamin (1980b), segundo a qual cada pessoa deve sempre estar preparada para ser capturada pela câmera.

No que se refere ao filme de Riefenstahl sobre os Jogos Olímpicos, ele não seria, diz a crítica Susan Sontag, sobre esporte, mas pura propaganda:

“[...] no esporte, os sinais do esforço não são escondidos: ao contrário, tornar visível o esforço faz parte do espetáculo. O público espera ver o espetáculo do atleta que se esforça visivelmente além dos limites do tolerável, e se comove com isso. Os filmes de campeonatos de tênis ou do Tour de France ou qualquer documentário abrangente sobre competições atléticas (um exemplo esplêndido: Olimpíada de Tóquio, de Ichikawa) sempre revelam o esforço e a tensão. (Aliás, o fato de Leni Riefenstahl, em seu filme sobre as Olimpíadas de 1936, ter optado por não mostrar os atletas sob essa luz é um dos sinais de que seu filme é na verdade sobre política — a estetização da política em um espetáculo de massa completamente ordenado e numa imperturbável apresentação solo — e não sobre o esporte em si.) É por isso que notícias sobre contusões de atletas são um assunto de conhecimento geral e objeto de uma curiosidade legítima da parte do público, ao passo que notícias sobre contusões de dançarinos não o são, e tendem a ser suprimidas.” (Sontag, 2005: 250-251).

De fato, a observação de Sontag faz sentido e vale muito para a discussão sobre uma teoria crítica do esporte. A introdução da segunda parte do documentário, *Festa da beleza*, começa com imagens da natureza em esteticismo que joga luz solar sobre folhas, orvalho, insetos, pássaros. Em seguida vemos homens jovens em corrida ordenada, seminus e descalços, todos de cabelos curtos e pele alva, dirigindo-se a uma cabana com sauna, na floresta. Lá, entre iguais, se refastelam em prazeres primários – mais ou menos como no acampamento da juventude, em *Triunfo da vontade* – que antecede o mergulho no lago em anexo. Depois disso, as imagens nos mostram a Vila Olímpica e então os gestos corporais exatos, cinematografados em enquadramentos heroicos e grandiloquentes, das competições no Estádio Olímpico de Berlim. Belo é o que seria natural, sem máculas sociais e, portanto, livre da história e suas vicissitudes. Reforça-se com enorme vigor o mito de origem e destino ariano, tão caro a um ambiente em que os laços políticos são frouxos e hesitantes, naquela que é, na precisa formulação de Helmuth Plessner (1974), uma “nação tardia” que, em comparação com outras potências europeias, demorou para constituir-se como Estado nacional.

Isso ainda se intensifica quando se observa a comparação que faz Sontag (2005) entre o filme alemão e o de Kon Ichikawa, cujo brilhante documentário Olimpíadas de Tóquio-1964 faz ver, como em poucas outras ocasiões, o esporte em sua face mais frequente, mas menos mencionada: a da banalidade. Em boa parte das quase três horas de imagens em *cinemascope*, podemos assistir a glória dos vencedores, mas elas contrastam com sequências inteiras em que atletas e espectadores vivem o curso ordinário dos fatos, sem os momentos de epifania dos triunfos e de sua reprodução incessante por meio de dispositivos imagéticos. Aliado a isso, o que presenciamos é o que de mais comum acontece no esporte, as derrotas de tantos atletas, ou seja, todos, menos os que se saem vitoriosos. Nada pode ser mais contrastante com os apoteóticos *takes* de Riefenstahl e seu apelo ao romantismo reacionário, vitalista, vinculando os corpos atléticos sem imperfeições a uma natureza igualmente pura, instituindo o mito do germanismo de sangue e terra (*Blut und Boden*) como destino manifesto da enormidade ariana. Afinal, “Uma estética utópica (perfeição física; identidade como registro biológico) implica um erotismo ideal: a sexualidade que se converte em magnetismo dos líderes e alegria dos seguidores. O ideal fascista é transformar a energia sexual em uma força ‘espiritual’, em benefício da comunidade” (Sontag, 2023: 93-94, tradução minha).

Grandes fábricas e centros de pesquisa de excelência, instalações esportivas de alto nível, além de uma atmosfera associativa em clubes, tão enraizada na tradição

alemã, entre outros fatores, fizeram com que a RFA rivalizasse, embora quase nunca superasse, as equipes e atletas da RDA. Enquanto a Escola Superior Alemã de Cultura Corporal, em Leipzig, centralizava os impulsos de pesquisa e desenvolvimento competitivo no Leste, no Oeste a Escola Superior de Esportes de Colônia liderava os esforços. A rivalidade gerou dissidências importantes, como a do médico Alois Mader, que ao atravessar a fronteira, trouxe para as margens do Reno toda uma tecnologia de detecção de ácido láctico em atletas submetidos a intenso esforço. Ele teria sido igualmente um experto na pesquisa e prescrição do uso de anabolizantes, substâncias que aceleram a reconstituição muscular e que são consideradas ilegais pelo sistema esportivo⁴.

3 UMA TEORIA CRÍTICA DO ESPORTE

Foi principalmente na Alemanha Federal, a apenas 190 quilômetros de Colônia, que se desenvolveu, em fins dos anos 1960 e durante a década e meia seguinte, a crítica mais contundente ao esporte como expressão da sociedade capitalista. Em Frankfurt, no mesmo ano da morte de Adorno, 1969, a editora Suhrkamp publicou um pequeno livro (um dos seus famosos *Bändchen*), *Sport und Arbeit* (Rigauer, 1969), que causou repúdio por parte do *establishment* esportivo e por defensores bem articulados do esporte, como Hans Lenk (1973). Concorreram para tal impulso crítico o processo de reelaboração do passado nacional-socialista, em que os Jogos de 1936 são importante marco em suas pretensões de obra de arte total (Alkemeyer, 1996), e também a proximidade com um evento que também marcaria a história do século vinte, as Olimpíadas de Munique, em 1972. Estas foram palco das proezas de Mark Spitz, sete vezes medalhista de ouro na natação, mas igualmente da invasão à Vila Olímpica, sequestro e morte de atletas israelenses por um comando palestino. As competições cessaram durante um dia e meio, mas em seguida voltaram à normalidade, afinal, como disse Avery Brundage, presidente do Comitê Olímpico Internacional, “The games must go on!”

Os anos 1960 foram, na RFA, os dos frutos da reindustrialização, os mais dourados do capitalismo e sob o espírito da contracultura. Foram tempos também em que Adorno assumiu protagonismo como intelectual público, percorrendo cidades com suas conferências, atuando no rádio, na imprensa escrita, até mesmo na televisão. Detlev Claussen (Maiso, 2009), que foi seu aluno e é autor da principal biografia

⁴ http://www.muscular-energy-metabolism.com/html/1_vita/vita_prof_mader.html

sobre o filósofo (2003), conta que eram verdadeiras turnês os périplos do grande intelectual pela República Federal e países vizinhos. Entre os muitos temas abordados, sempre em chave dialética e com considerações desconcertantes, está também o esporte, como acontece em *Tempo livre* (1997b), *Educação depois de Auschwitz* (1970) e *O ataque de Veblen à cultura* (1997c), entre outras peças que formam os modelos críticos por ele formulados.

Não tendo sido um contumaz analista do esporte, o tema aparece na obra de Adorno, geralmente, como fenômeno que sintetiza as grandes linhas da sociedade capitalista, no que se refere às relações com o próprio corpo que ao sujeito se exige – e os corpos de outros, para serem amados ou odiados, ou tudo ao mesmo tempo, como lemos em *Dialética do esclarecimento* (Horkheimer; Adorno, 1997) –, que são de dominação, identificação, sofrimento e gozo. Mas o assunto também emerge em sua centralidade para a indústria cultural, como espetáculo para consumo e pseudo-gratificação para os sentidos humanos, entorpecidos pela diversão como disciplina. Seja como for, o esporte pertence, na agenda adorniana, ao que podemos chamar de constelação da destrutividade.

Uma das passagens mais significativas de Adorno (1997c) comentando o tema, e multiplamente citada nos estudos de décadas atrás, encontra-se no mencionado ensaio *O ataque de Veblen à cultura*, análise dialética da ponderação conservadora do sociólogo estadunidense, que acerta no assunto, mas não na direção do argumento. Para ele o esporte faz parte do consumo conspícuo das camadas aristocráticas e prática distintiva para novos capitalistas na sociedade liberal. Mas, ao invés de haver algo de anacrônico na prática esportiva, como afirma Thorstein Veblen, não haveria nada de “mais moderno nesse arcaísmo”. De forma semelhante aos “*teams* sexuais de Juliette”, como se lê no excurso segundo de *Dialética do esclarecimento* (Horkheimer; Adorno, 1997), o esporte seria dado a excessos que, por sua vez, seriam incentivados como ostentação à disciplina, submissão, violência, sofrimento, adaptação. Este espetáculo sadomasoquista seria mediado pelas técnicas adequadas e por isso mesmo reificadoras, com suas esperadas consequências para a formação do sujeito, a exemplo do que se lê no livro escrito com Horkheimer – “toda reificação é esquecimento” –, mas também em outras ocasiões, como em *Educação após Auschwitz* (Adorno, 1970). Tudo aconteceria, portanto, de forma semelhante a um universo com o qual o esporte guarda grande afinidade: a pornografia. O que parece apenas consumo conspícuo é, então, mutilação regressiva.

Mas não é essa a abordagem que mais interessou aos críticos do esporte dos anos 1960 e 1970 ao lerem o ensaio sobre Veblen. A Bero Rigauer (1969) e ao francês

Jean-Marie Brohm (1976) muito mais atenção chamou outro aspecto, certamente importante, dos comentários de Adorno. Trata-se do caráter maquinal ao qual o corpo seria alçado, recolocando o indivíduo, mesmo em seu tempo (aparentemente) livre, a serviço da dinâmica do trabalho. O embuste (como reza o subtítulo sobre o capítulo a respeito da indústria cultural em *Dialética do esclarecimento*) estaria no fato de que a promessa esportiva seria devolver ao corpo aquele *quantum* de espontaneidade que a vida urbana, a fábrica e a burocracia dele teriam surrupiado.

Sem que isso seja problematizado por Rigauer ou Brohm, eis algo que o nacional-socialismo alcançou, de forma perversa, o que dá testemunho o documentário olímpico de Riefenstahl. Seria o esporte, para além de qualquer mediação social, o responsável pela reconciliação com a natureza, aquela *Versöhnung* que permanece como expectativa de gozo absoluto, de fim do sofrimento, mácula ou ruptura histórica. Só assim, livre dos impeditivos superestruturais, o *Körper* – produção simbólica e contraditória, desejante – poderia então ser reconvertido ao *Leib* – corpo romântico e vitalista – como se lê em *Dialética do esclarecimento* –, o mesmo que encontramos nas telas do cinema daqueles anos, tanto na Alemanha quanto em Hollywood. Só um regime ou estrutura totalitária podem prometer tal desiderato. Se o fascismo perspectivou tal promessa levando-a às últimas consequências – o que, *mutatis mutandis*, ainda hoje acontece – o cotidiano do capitalismo, mesmo quando fora da esfera daquele, oferece de diversas maneiras a mesma quimera, como Horkheimer e Adorno (1997) demonstraram, mas como cada um pode observar hoje, nos processos de infantilização de adultos, nas regressões de práticas corporais supostamente orientalistas, no vitalismo das fantasias da vida na natureza.

A crítica ao esporte empreendida por Rigauer e Brohm se dirige corretamente ao esporte praticado também sob a égide do socialismo realmente existente, em cujos países o alto rendimento teve um peso muito grande, como se viu acima. A inspiração na Teoria Crítica e o clima de revolta dos anos 1960 não poderiam deixar o primeiro imune ao autoritarismo na URSS, na RDA e em outros países, assim como para o segundo, de um ponto de vista da Nova Esquerda, a posição crítica em relação ao Partido Comunista Francês englobava também a oposição ao militarismo e à sub-sunção infantil à formação de atletas.

Sobrevivem em ambos Estados alemães duas características que marcaram o esporte no Nacional-Socialismo. [Uma delas é]: O treinamento desportivo e a Educação Física permanecem como formas de educação autoritária. Em seus livros lê-se que: “Os estudantes devem aprender a seguir as ordens do professor sem que seja necessário esperar por esclarecimentos sobre seu sentido. Uma criança não pode, em

princípio, tudo compreender (...); em segundo lugar, há várias situações nas quais não há, por conta de alguma periculosidade, tempo para esclarecimentos. A submissão é por isso fundamental”. (Rigauer, 1969: 80).

Se esporte e trabalho “estruturam-se no mesmo esquema de ação” (Rigauer, 1969: 11; Brohm, 1989: 71), é tanto porque as práticas de tempo livre reproduzem ritmo e dinâmica do que é feito na fábrica e no escritório, quanto porque

“O esporte não é um sistema à parte, mas de diversas formas interligado com o desenvolvimento social, cuja origem está na sociedade burguesa e capitalista. Embora constitua um espaço específico de ação social, o esporte permanece em interdependência com a totalidade do processo social, que o impregna com suas marcas fundamentais: disciplina, autoridade, competição, rendimento, racionalidade instrumental, organização administrativa, burocratização, apenas para citar alguns elementos. Na sociedade industrial, formas específicas de trabalho e produção tornaram-se tão dominantes como modelo, que até o chamado tempo livre influenciaram normativamente (...).” (Rigauer, 1969: 7).

De forma semelhante, mas também se deixando levar por certa essencialização do esporte e pelo lamento em relação a uma suposta conspiração, Brohm (1982: 176) adverte que:

“O atleta de competição é um novo tipo de trabalhador que vende sua força de trabalho — ou seja, sua capacidade de produzir um espetáculo que atrai multidões — a um empregador. O valor de troca de tal potência, regido mercadologicamente pela lei da oferta e da procura, é determinado pelo tempo de trabalho socialmente necessário para sua produção. O amadorismo deixou de existir há muito tempo. Todos os esportistas de alto nível são artistas profissionais no *show* de músculos. São também, muito frequentemente, homens-sanduíche da publicidade.”⁵

O que se reconhece como teoria crítica do esporte se desenvolveu em outros trabalhos, tanto de Rigauer (1979; 1992; 2000), quanto de Brohm (1989, 1992), quanto ainda no de Gerhard Vinnai (1970), *Fussball als Ideologie*. Se os dois primeiros autores acertam muito na crítica, ainda que as relações entre esporte e sociedade apareçam às vezes pouco mediadas, o trabalho do último não faz jus à tradição frank-

⁵ “The competitive sportsman is a new type of worker who sells his labour power — that is to say his ability to produce a spectacle that draws the crowds — to an employer. The exchange value of his labour power, governed by the law of supply and demand on the market, is determined by the labour time socially necessary for its production. Amateurism ceased to exist a long time ago. All top-level sportsmen are professional performers in the muscle show. They are also very often advertising ‘sandwich-board’ men.”

furtiana. A imediatricidade que Adorno tanto criticou como déficit dialético, também é a tônica do breve livro. Ele chega a comparar a divisão social do trabalho às posições que futebolistas devem ocupar no campo de jogo. Uma vez publicado em espanhol em 1974, e reimpresso várias vezes, fez as vezes de representar, na América Latina em suas discussões sobre futebol o que seria a teoria crítica do esporte, o que causou, junto com o debacle da tradição dialética – ao qual corresponde o preconceito a respeito do “pessimista” Adorno – a impossibilidade de um debate rico e de uma crítica mais radical nos fóruns e publicações da região.

4 ALGUNS PONTOS NEVRÁLGICOS DO ESPORTE CONTEMPORÂNEO

O canadense Richard Gruenau afirmou certa vez que um déficit da teoria crítica do esporte seria não considerar algumas das grandes questões da tradição frankfurtiana, por exemplo, a teoria estética de Adorno. Tenho acordo com ele, ao menos em linhas gerais, e seria interessante que se considerasse também, com o devido distanciamento histórico, o que o próprio Adorno escreveu sobre o esporte.

Um dos tópicos mais interessantes de sua reflexão é o que chamou de esportivização da sociedade. Como expressão da experiência histórica do presente, o esporte ganha uma dimensão outra, que é a de ser o espírito de orientação das práticas sociais – dito de outra forma, ele é possivelmente o artefato cultural que mais bem representa, como estrutura modelar, o que é o contemporâneo. Sexualidade, política, arte, tudo parece ser marcado por uma disputa de pontos, diz Adorno (1997e, 1997d, 1997f). Afinal,

“Os recordes, nos quais os esportes encontram sua realização, proclamam o evidente direito dos mais fortes, que emerge tão obviamente da concorrência, porque ela cada vez mais os domina. No triunfo de tal espírito prático, tão longe das necessidades de manutenção da vida, o esporte se torna uma pseudopraxis, na qual os praticantes não mais podem agir por si mesmos, mas mais uma vez se transformam em objetos, o que, na verdade, já são. Em sua literalidade sem brilho, destinada a uma gravidade [seriedade] brutal, que entorpece cada gesto do jogo, torna-se o esporte o reflexo sem cor da vida endurecida e indiferente. Só em casos extremos, que deformam a si mesmo, o esporte mantém o prazer do movimento, a procura pela libertação do corpo, a suspensão das finalidades.” (Adorno, 1997g: 329, tradução minha).

Nesse âmbito da arte, a música fetichizada expressa-se esportivamente na medida que perde seu momento lúdico, mimético, de jogo, sem o qual a arte não se sustenta, degradando-se em pura aparência:

“Nada sobrevive nela [na música de massas] com mais força do que a aparência; nada é mais aparente do que seu teor de verdade [*Sachlichkeit*]. O jogo interpretativo infantilizante [*infantile Spiel*] tem pouco a ver mais do que o nome com as atividades produtivas das crianças. Não por acaso, o esporte burguês quer estar tão marcadamente separado do jogo. Seu rigor brutal significa que, em lugar de manter a confiança no sonho da liberdade por meio do distanciamento quanto aos fins, acaba-se por colocar o jogo, como obrigação, sob o jugo das finalidades úteis, por meio do qual extinguisse qualquer vestígio de liberdade. Esse processo se fortalece com a música de massas atual. [...] Tal jogo interpretativo é apenas uma aparência de jogo; por isso a aparência torna-se, de forma importante, inerente à música esportiva (*Musiksport*) dominante.” (Adorno, 1997h: 47, tradução minha).

Ora, nada é mais atual que a incorporação do *modus operandi* e do vocabulário esportivo no mundo corporativo, assim como a produção de um estado de excitação permanente nos produtos da indústria cultural. São mostras disso o surgimento de uma das profissões contemporâneas mais emblemáticas, que é a de *coach*⁶. O emprego da palavra oriunda da figura de grande centralidade que é a do treinador esportivo, com o qual os atletas, não raro, vivem amor transferencial, designa, de certa forma, que o que está em jogo é a preparação para uma vida competitiva. Não é casual que muitos *coaches* ou palestrantes (esta outra nova profissão na imaterialidade da mercadoria) sejam esportistas e ex-esportistas que mostram o périplo mitológico do herói.

⁶ Por outro lado, uma recente literatura ficcional que toma o esporte como tema, mostra outras possibilidades. O livro de Rita Bullwinkel (2024), *Headshot*, narra a história de oito jovens boxeadoras estadunidenses que em um final de semana de verão disputam as finais do campeonato nacional juvenil. Todas são treinadas por homens e com alguma frequência expressam para si mesmas o incômodo com eles, com os gritos que proferem do corner do ringue, em grande medida não apenas inúteis, mas incômodos e constrangedores. Vale lembrar ainda que nas relações entre técnicos e atletas encontra-se situações de assédio sexual, o que é terrível em si mesmo, sendo algo que se agudiza pela frequente proximidade corporal (“treinar é entregar o corpo”, já disseram muitos atletas). Por outro lado, o assédio moral é constantemente normalizado. O fato de haver uma justiça esportiva faz com que certas situações que seriam irregulares em outros âmbitos sejam vistas como necessariamente pertencentes à dinâmica das atividades. Algo semelhante acontece com o direito eclesiástico e com seu congêneres militar. Não pode acaso, esporte, religião e caserna são espaços em que a dominação do corpo, inclusive no que se refere aos castigos, é exemplar.

Há, no entanto, um outro percurso heroico que pode ser evocado, e é isso que fazem Horkheimer e Adorno (1997) no primeiro excurso de *Dialética do esclarecimento*. Antes disso, no entanto, vale destacar outra questão proposta no fragmento sobre o fetichismo da música. A degradação do jogo infantil – uma das poucas experiências talvez potencialmente livres, por sua inutilidade, da redução à forma mercadoria (Adorno, 1997d) – em esporte aponta para um problema contemporâneo dos mais prementes: o trabalho de crianças e jovens na preparação e competição esportivas. Dificilmente vistas como jornadas laborais, as intensivas sessões de treinamento em idades cada vez mais precoces, necessárias para modalidades como ginástica, natação e mesmo outras de caráter coletivo, conformam algo que raramente toleramos em outros âmbitos, que é a subsunção da escola aos interesses competitivos, a destruição corporal e a subtração de boa parte do tempo da infância e da juventude. Quando vemos uma campeã de ginástica afirmar que valeu a pena tanto sacrifício, e nos emocionamos com sua performance nos Jogos Olímpicos, imediatamente esquecemos que há centenas ou milhares de fracassados na mesma empreitada.

A lei brasileira considera que qualquer relação sexual com pessoas menores de 14 anos é estupro presumível, uma vez que, mesmo que o consentimento tenha sido exarado, supõe-se que não há condições de discernimento por parte do vulnerável. De maneira semelhante, supor que um jovem intoxicado pela propaganda que faz sonhar com o estrelato olímpico (o que dificilmente se concretizará) entrega seu corpo ao sofrimento da preparação esportiva intensa por vontade própria, é apoiar um tipo de violência que, se não é equiparável ao estupro – e não é –, guarda com ele afinidades importantes.

Mas, voltemos ao tópico do herói, Ulisses, cujo heroísmo é, no entanto, muito particular, como destacam Horkheimer e Adorno (1997). A volta do capitão do navio à Ítaca se desvia do curso que lhe seria natural, fazendo com que se dê o enfrentamento a uma sequência de mitos que devem ser superados, um a um, para que ele e os remadores, cuja força dos braços é fundamental para a longa e difícil viagem, possam ter êxito. O encontro entre astúcia da razão, renúncia pulsional e exploração do trabalho alheio é trama fundamental para que Ulisses enfrente e supere as sereias, o gigante Polifemo, os lotófagos, a semideusa Circe. O domínio de si, resistindo aos próprios impulsos, cuja imediata gratificação lhe custaria a vida, permite encontrar o destino, mas, para isso, segundo a magistral interpretação de *Dialética do esclarecimento*, ele precisa forjar-se sujeito. Para tanto, saído da Guerra de Troia, ele constrói uma batalha contra o que se designa como natureza, o que inclui, fundamentalmente, o próprio corpo.

A separação entre uma dimensão corporal e outra não corporal no sujeito, explica Adorno (1997i), é fictícia e real ao mesmo tempo. Fictícia porque ambas as faces coincidem e só discursivamente podem ser separadas; mas, igualmente real porque tal cisão dá sentido às dinâmicas sociais que construímos, sustentando fenômenos que nem sempre parecem próximos, como a escravidão, as atividades religiosas, e a ciência tradicional. Soma-se a elas o treinamento corporal, aparentado, aliás, com todas as mencionadas, que toma o corpo como objeto rebaixado à condição de mera naturalidade, mesmo que socialmente mediada, operação sem a qual a melhoria da aptidão física, mantidas as regras que a orientam, não é possível ou, ao menos, não chega às consequências que poderia alcançar.

O treinamento nada mais é do que simular uma situação na qual o organismo, sob pressão de uma sobrecarga regredidamente prolongada, deve reagir modificando-se morfofisiologicamente a fim de adaptar-se ao que será (assim ele “interpreta”) um permanente estado de *stress*. Dito de outra forma, é como se fossem (e muitas vezes são) produzidas constantes inflamações frente às quais o corpo reage fortalecendo músculos, ampliando a área de capilarização, aumentando o débito cardíaco. A distância entre certo arcaísmo e capacidade adaptativa corporal, de um lado, e os conhecimentos que o podem colocar sob domínio e potencialização, por outro, propiciam o processo. Dito de outra forma, todo o aparato idiossincrático e remanescente de tempos pregressos, em que a capacidade adaptativa foi decisiva para a sobrevivência da espécie, é mobilizado, mediante conhecimento sistematizado de várias disciplinas, a favor do domínio corporal. Os métodos de treinamento e as práticas que lhe são correlatas (nutrição especializada, psicologia do esporte etc.) organizam e permitem as operações sobre os atletas. Dito de outra forma,

“É como naturalidade desqualificada que as teorias do treinamento encaram o ser humano, uma vez que o tratam como mecanismo cego a ser adaptado a demandas contínuas e progressivas de trabalho, como explicam os princípios clássicos do treinamento desportivo (Vaz, 1999). O stress sofrido dispara as tentativas somáticas de se adaptar àquilo que o corpo sente como as novas condições às quais jamais poderá ajustar-se plenamente – volume, intensidade e pausas organizados metodologicamente –, uma vez que deve seguir, sempre e progressivamente, na direção (ou pelo menos na manutenção) do alto rendimento. [É por isso que] Se é, não apenas possível, mas necessário tratar o corpo como objeto manipulável, por que condenar aquele que ingere algum tipo substância química (ilegal) para melhorar a performance?” (Vaz, 2005: 30-31).

Esse estado de coisas convive, necessariamente, com a dor e a fadiga, com as quais atletas devem acostumar-se. Como não há segurança plena na prescrição dos exercícios e sessões de treinamento, pois se trata de um corpo e não de uma máquina (que, por seu lado, também poderia falhar), a possibilidade da fronteira ser ultrapassada se coloca, de modo que as lesões e o esgotamento assombram os que se dedicam ao alto rendimento, mesmo contando com toda a parafernália instrumental, farmacológica e profissional para a recuperação depois de uma sessão ou período de treinamento ou competição. A diminuição absoluta das chances de errar ou de simplesmente fracassar dependem do bom planejamento, do sucesso da aposta nas reações favoráveis do organismo sob domínio e do desenrolar positivo de condições incontrolláveis que podem acontecer nos momentos de competição. A preparação esportiva pode, de qualquer forma, acostumar à dor – ou ensinar a gozar com ela, convertendo o desagrado corporal em prazer secundário (Adorno, 1997g) –, assim como extirpar o medo, outra das assombrações que pairam sobre uma prática que simula a guerra e contra a qual se produz toda uma psicologia de corte comportamentalista e organizacional.

O preço que Ulisses paga para tornar-se o sujeito burguês é a introversão do sacrifício, que já não se realiza como ritual em honra à tradição ou a uma divindade, mas a si mesmo, ao destruir-se em sua porção mais viva, ocultando tal processo até mesmo de si, já que tanto esforço precisa ser esquecido. Se o domínio do que é visto como natureza interna é o requisito para a dominação em geral, o esporte conforma uma pedagogia que leva isso ao extremo. Quanto mais exercitado o corpo, mais reificado, dizem Horkheimer e Adorno (1997), já que mais integrado aos esquemas da cultura de massas, afinal,

“Os dominados celebram a própria dominação. Eles fazem da liberdade uma paródia, na medida em que livremente se colocam a serviço da cisão, mais uma vez, do indivíduo com seu próprio corpo. Por meio dessa liberdade confirma-se a injustiça – fundada na violência social – que mais uma vez se destina aos corpos escravizados. Funda-se aí a paixão pelo esporte, na qual os senhores da cultura de massa farejam o verdadeiro substrato para sua ditadura. É possível arvorar-se de senhor na medida em que a dor ancestral, violentamente repetida, mais uma vez é provocada em si mesmo e nos outros.” (Adorno, 1997g: 328, tradução minha).

Nada mais contemporâneo do que o esporte nos esquemas da indústria cultural. Sempre espetáculo, como se mencionou no início deste texto, ele agora pode ser multiplicado nas diversas telas disponíveis em sistemas interligados de exposição instantânea, ocupando espaço e tempo privilegiados na esfera do entretenimento.

Conformando-se como mercadoria atraente, ele agora torna quase dispensável a presença dos próprios atletas nas pistas e campos, uma vez que os milhões de seguidores os acompanham pelas redes sociais. O desenvolvimento dos meios faz com que a encenação esportiva não fique restrita ao momento em que é realizada, tampouco dependente da presença das pessoas para que possa ser desfrutada.

Esse processo exige a identificação com os excessos esportivos (“*Citius altius fortius*”, diz o lema olímpico), certamente nas arquibancadas, mas especialmente frente às telas. São nelas que as imagens podem ser filtradas, cortadas e montadas em ritmos ainda mais alucinantes, difundindo modelos de corpos e performances que devem orientar condutas. Não por acaso a prática de ginástica em academias é chamada hoje de treinamento, como se houvesse uma competição programada para a qual cada frequentador estivesse se preparando. Mas, na verdade, há uma disputa permanente, que é por boas condições físicas e embelezamento, cumprindo as obrigações sociais com o próprio corpo, o que inclui a formalização de si, mas também da relação com as refeições, transformadas em calorias e proteínas a serem consumidas corretamente. Horkheimer (1996) anotava isso há oito décadas em *Eclipse da razão*, referindo-se aos programas de rádio que orientavam a substituir os *promenades* por exercícios aeróbicos controlados. Afinal, se não houver um efeito claro na performance diária, por que seria importante caminhar? Provocar em si mesmo a dor repetida é integrar-se ao ideário segundo o qual há que gerir o corpo como um empreendimento, como se fosse uma propriedade que deve gerar renda. Mas, possuir um organismo e potencializá-lo em números não é o mesmo que governar a si mesmo e buscar autonomia.

5 A PRETEXTO DE CONCLUIR

O impulso dominador presente na razão não é, lembra uma e outra vez Max Horkheimer, uma patologia que a atravessa, mas raiz de sua própria existência. O percurso desse movimento começa no primeiro momento em que algo outro em relação ao sujeito foi visto como objeto, em passado imemorial que funda a própria condição humana e cujo destino, como se lê em *Eclipse da razão* (Horkheimer, 1996) é a loucura que levou, na locomotiva da história, a Auschwitz. Ao esporte pertence esse momento, que deve reduzir o corpo a pura naturalidade abstrata, objetificável em fungibilidade universal: importa o resultado obtido, não exatamente o sujeito (ou o que sobrou dele) que o realizou. Quase todo atleta é substituível por outro ou por uma estratégia que anule as dificuldades da troca. A violência deve ser

cometida pelo pensamento contra si para que haja força suficiente para derrotar o mito, lê-se em *Dialética do esclarecimento* (Horkheimer; Adorno, 1997). Por sua vez, só um corpo que é indiferente à própria dor chega a sentir o mesmo em relação à dor em geral, escreve Adorno (1970) em *Educação após Auschwitz*.

Coloca-se um conjunto de afinidades que tratam do domínio e do esgotamento corporal, reduzido à matéria a ser forjada (diz-se no Brasil “malhar” para as práticas em academias de ginástica e musculação, o mesmo verbo empregado para dar forma ao ferro em brasa). Assim como ginastas e excursionistas se afinam com o homicídio, e amantes da natureza têm essa mesma relação com a caça, asseveram Horkheimer e Adorno (1997), treinamento infantil e estupro de vulnerável se aproximam, assim como o treinamento corporal e o uso de substâncias farmacológicas para a melhoria da performance. Domínio do corpo se equipara a progresso.

O esporte é um dos âmbitos contemporâneos que levou mais longe duas características centrais dos tempos modernos, abrindo caminho para a condição neoliberal: o fetichismo do progresso linear e infinito, tal como o desenhou Walter Benjamin (2021), e a crença na legitimidade do *performance principle* /*Leistungsprinzip*, o princípio de desempenho (ou de rendimento), tal como formulado por Herbert Marcuse (1969). O esporte vem da guerra, a internet vem da guerra, e isso conduz a uma alquimia que encontra seu desiderato na mobilização absoluta das imagens, sem as quais um corpo – e um corpo esportivo – já não se sustenta. Há quase cinquenta anos Susan Sontag (1977) escreveu que já não havia fora ou dentro da caverna de Platão, inundado que estava o mundo por fotografias em tempos que a polaroide reinava nas camadas médias e nas viagens de turismo. Sem ter vivido para conhecer o *smartphone* (ela morreu em 2003), não pôde saber que o mundo de imagens inocularia seres humanos pela prótese que o aparato representa. Um corpo não protético de sua tela não pode ser considerado completo e a ilusão de que tudo está nela, ao aprisionar todo tipo de imagem e produzir sensações compulsivas em série e contaminar a imaginação.

O que de fato um corpo faz, o que pode um corpo, é, no entanto, e paradoxalmente, pretexto, uma vez que importa o que será visto pelos seguidores e perseguidores, de maneira que os filtros se tornam importantes e as correções podem ser feitas. Como a imagem se desprende do que ela representa – um corpo real que é esquecido, ou mesmo nem é percebido –, chegamos à impossibilidade de representação, restando apenas a alucinação. Já no começo da aceleração entrópica desse processo, o mesmo Türrcke (2012a; 2012b) bem o identificou, ao observar que mais que tudo é

preciso, nessa ordem de coisas, ser emissor. Quem não emite uma imagem nas redes, não é, não existe.

Voltemos a uma afirmação de Adorno (1997g), segundo o qual “Só em casos extremos, que deformam a si mesmo, o esporte mantém o prazer do movimento, a procura pela libertação do corpo, a suspensão das finalidades.” Onde se encontram as experiências em que o esporte pode ser finalidade sem fim? Difícil é colocar esta questão a uma prática cujo princípio basilar é o rendimento que, por sua vez, se associa à dificuldade de produzir, nos termos propostos por Marcuse (1969), uma fisiologia como segunda natureza, na qual eros alcançasse um protagonismo que hoje não tem. Para isso haveria que se preservar o momento de jogo no esporte, o que, no entanto, poderia significar sua superação, ao menos com as características que ele hoje comporta. Adorno (1997g) insiste que a finalidade sem fim pode ser encontrada no jogo, sempre que isso valha para seu conteúdo, mas não para sua forma. Então, qual seria a forma esportiva emancipadora?

Talvez reste no esporte algum momento mimético, mas seu reconhecimento só pode acontecer, portanto, com a renúncia a certos pilares. Um dos caminhos pode ser a rememoração da natureza no sujeito (Adorno, 1997j), movimento contra o esquecimento que toda reificação (inclusive por meio da técnica) promove. A relação com o corpo, neste caso, aconteceria não como conciliação abstrata, mas em diálogo concreto que tem consciência dos próprios limites. Seria, então, necessário reconhecer medos e fragilidades e eventualmente renunciar a ultrapassá-los, lidando com eles em outro plano. Mas isso colide diretamente com o impulso de superação do adversário, de alcançar e ultrapassar a si mesmo. No esporte reside como em nenhuma outra situação, ao menos simbolicamente, a fantasia segundo a qual o progresso é infinito e necessariamente bom, afinal, como se costuma dizer, “recordes são para serem quebrados”.

“Um momento que deforma a si mesmo” pode ser, então, o do erro, da derrota, do fracasso, quando o sujeito se defronta consigo mesmo, a exemplo do que aparece na literatura ficcional de *Anelise Chen* (2017) e Rita Bullwinkel (2024). Haveria que levar a sério a proposta feita por Eugen König, que, inspirado em Paul Virilio, propõe um museu das catástrofes esportivas, como o francês propusera o dos desastres tecnológicos. Essa seria a constituição de outra memória esportiva. A renúncia ao esgotamento e à vitória como valor absoluto podem trazer novas experiências que, no âmbito estético, nos coloquem em patamares ainda não sonhados. Seria um mundo que, sem ser inteiramente outro, traria a promessa de uma sociedade em que se pudesse ser diferente sem ter medo, como escreveu Adorno em *Minima Moralia*. Dito de

outra forma, a experiência do jogo comportaria a discreta esperança de que outro princípio de realidade encontrasse seu destino. Não seria pouco.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. (1997a): *Kulturkritik und Gesellschaft*. In *Gesammelte Schriften* (Vol. 10/1). Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- ADORNO, Theodor W. (1997b): “Freizeit”. In *Gesammelte Schriften* (Vol. 10/2). Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- ADORNO, Theodor W. (1997c): *Veblens Angriff auf die Kultur*. In *Gesammelte Schriften* (Vol. 10/1). Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- ADORNO, Theodor W. (1997d): *Minima Moralia: Reflexionen aus dem beschädigten Leben*. In *Gesammelte Schriften* (Vol. 4). Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- ADORNO, Theodor W. (1997e): *Über Fetischcharakter in der Musik und die Regression des Hörens*. In *Gesammelte Schriften* (Vol. 14). Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- ADORNO, Theodor W. (1997f): *Sexualtabus und Recht heute*. In *Gesammelte Schriften* (Vol. 10/2). Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- ADORNO, Theodor W. (1997g): *Ästhetische Theorie*. In *Gesammelte Schriften* (Vol. 7). Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- ADORNO, Theodor W. (1997h): *Das Schema der Massenkultur*. In *Gesammelte Schriften* (Vol. 4). Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- ADORNO, T. W. (1997i): *Zu Subjekt und Objekt*. In *Gesammelte Schriften* (Vol. 10/2). Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- ADORNO, Theodor W. (1997j): *Negative Dialektik*. In *Gesammelte Schriften* (Vol. 6). Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- BENJAMIN, Walter (1977): *Paris, die Hauptstadt des XIX. Jahrhunderts*. In *Iluminationen* (Ausgewählte Schriften 1). Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- BENJAMIN, Walter (2013). *Das Kunstwerk im Zeitalter seiner technischen Reproduzierbarkeit* (B. Lindner, Ed.). Stuttgart: Reclam.
- BENJAMIN, Walter (2021): *Über den Begriff der Geschichte*. Reclam.
- BROHM, Jean-Marie (1976) : *Sociologie politique du sport*. In G. Berthaud et al. (Eds.), *Sport, culture et répression* (pp. 16–31). Paris: FM.
- BROHM, Jean-Marie (1989): *Sport: A prison of measured time*. Worcester: Pluto Press.
- BROHM, Jean-Marie (1992). *Sportindustrie: Soziologische Betrachtungen über das Verschwinden des Sports in der Markt- und Warenwelt*. In R. Horak & O. Penz (Eds.), *Sport. Kult & Kommerz* (pp. 185–201). Wien: Verlag für Gesellschaftskritik.
- BULLWINKEL, Rita (2024). *Headshot*. Londres: Daunt Books.
- CHEN, Aneliese (2017). *So many Olympic exertions*. Los Angeles: Kaya Press.
- CLAUSSEN, Detlev (2003). *Theodor W. Adorno: Ein letzter Genie*. Frankfurt am Main: Fischer.

- CLAUSSEN, Detlev (2006). *Béla Guttmann: Eine Weltgeschichte des Fußballs in einer Person*. Berlin: Berenberg Verlag.
- ELIAS, Norbert, & DUNNING, Eric (1986). *Quest for excitement: Sport and leisure in the civilizing process*. Oxford: Basil Blackwell.
- ENGELS, Friedrich (2008). *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (B. A. Schulmann, Trad.). São Paulo: Boitempo.
- GAY, Peter (1993). *The cultivation of hatred: The bourgeois experience: Victoria to Freud*. New York: W. W. Norton & Company.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich (2006). *In praise of athletic beauty*. Cumberland: Belknap Press.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich (2016, 31 de janeiro). *Inspiration und Innovation*. Tageszeitung Berlin.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich (2021). *Crowds: The stadium as a ritual of intensity*. Redwood City: Stanford Briefs.
- GUTTMANN, Allen (2004). *From ritual to record: The nature of modern sports*. New York: Columbia University Press.
- HABERMAS, Jürgen (1967). *Soziologische Notizen zum Verhältnis von Arbeit und Freizeit*. In H. Plessner, H.-E. Bock & O. Gruppe (Orgs.), *Sport und Leibeserziehung*. München: Piper.
- HOBERMAN, John (1992). *Mortal engines: The science of performance and the dehumanization of sport*. New York: The Free Press.
- HOBERMAN, John (1998). The concept of doping and the future of Olympic sport. In L. Allison (Ed.), *Taking sport seriously* (pp. 31–52). Aachen: Meyer & Meyer.
- HOBBSAWM, Eric (1995). *The age of extremes: 1914–1991*. London: Abacus.
- HORKHEIMER, Max (1996). *Eclipse of reason*. New York: Continuum.
- HORKHEIMER, Max, & ADORNO, Theodor W. (1997). *Dialektik der Aufklärung: Philosophische Fragmente* (Gesammelte Schriften, Vol. 3). Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- LENK, Hans (1973). “Manipulation” oder “Emanzipation” im Leistungssport? Die Entfremdungsthese und das Selbst des Athleten. In H. Lenk, S. Moser & E. Beyer (Orgs.), *Philosophie des Sports* (pp. 67–108). Schorndorf: Karl Hofmann.
- MAISO, Jordi (2009). Teoría Crítica y experiencia viva: Entrevista con Detlev Claussen. *Constelaciones. Revista de Teoría Crítica*, 1(1), 101–141.
- MARCUSE, Herbert (1969). *An Essay on Liberation*. Boston: Beacon Press.
- PLESSNER, Helmuth (1974). *Die verspätete Nation: Über die politische Verführbarkeit bürgerlichen Geistes*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- RABINBACH, Anson (1992). *The human motor: Energy, fatigue, and the origins of modernity*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press.
- REDEKER, Rero (2016, 17 de janeiro). *Die geistige Macht unserer Epoche*. Tageszeitung Berlin.
- RIGAUER, Bero (1969). *Sport und Arbeit*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- RIGAUER, Bero (1979). *Warenstrukturelle Bedingungen leistungssportlichen Handelns*. Mörfelden: Andreas Achenbach Lollar.

- RIGAUER, Bero (1992). *Sportindustrie: Soziologische Betrachtungen über das Verschwinden des Sports in der Markt- und Warenwelt*. In R. Horak & O. Penz (Eds.), *Sport. Kult & Kommerz* (pp. 185–201). Wien: Verlag für Gesellschaftskritik.
- RIGAUER, Bero (2000). Marxist theories. In J. Coakley & E. Dunning (Eds.), *Handbook of sports studies* (pp. 28–47). London: Sage.
- SCHMOLINSKY, Gerhardt (Org.). (1977). *Leichtathletik*. Berlin: Sportverlag.
- SONTAG, Susan (1977). *On photography*. Nova York: Farrar, Straus & Giroux.
- SONTAG, Susan (2005). *Questão de ênfase*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SONTAG, Susan (2023). *On women*. New York: Picador.
- TÜRCKE, Christoph (2012a). *Hiperaktiv: Kritik der Aufmerksamkeitdefizitkultur*. Munique: C. H. Beck.
- TÜRCKE, Christoph (2012a). *Erregte Gesellschaft: Philosophie der Sensation*. Munique: C. H. Beck.
- VEBLEN, Thorstein (1991). *The theory of the leisure class*. Fairfield: Augustus M. Kelley.
- VINNAI, Gerhard (1970). *Fußballsport als Ideologie*. Frankfurt am Main: Europäische Verlagsanstalt.
- VINNAI, Gerhard (1974). *El fútbol como ideología*. México D.F./Madrid: Siglo Veintiuno.
- WEBER, Max (2016). *Die protestantische Ethik und der "Geist" des Kapitalismus*. Wiesbaden: Springer.
- VAZ, Alexandre F. (2005). Doping, esporte, performance: Notas sobre os “limites” do corpo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 27(1), 23–36.